

# Companhia Estável de Dança de Bauru participa da Jornada Paulista de Dança - Segundo Tempo

Companhias de dança da capital e do interior viverão uma semana de atividades, a partir de 6 de julho, na sede da São Paulo Escola de Dança, na capital

A São Paulo Escola de Dança (SPED), instituição da Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Governo do Estado de São Paulo, com gestão da Associação Pró-Dança e direção artística e educacional de Inês Bogéa - divulgou as 10 companhias e grupos selecionados para a Jornada Paulista de Dança - Segundo Tempo. O evento, que se consolidou como um dos principais espaços de intercâmbio e fortalecimento da arte coreográfica no Estado, acontece entre os dias 6 e 11 de julho, na capital paulista, na sede da SPED e na Sala Motiva. Um desses grupos é a Companhia Estável de Dança de Bauru.

A comissão selecionou dez propostas artísticas de destaque, sendo duas da capital e oito de diferentes regiões do interior paulista. Cada um dos grupos receberá uma bolsa-artística de R\$ 10 mil para integrar a programação. Além disso, as oito companhias vindas de fora da região metropolitana contam com uma ajuda de custo (que varia de R\$ 12 mil a R\$ 48 mil, proporcional ao número de integrantes) para viabilizar transporte, hospeda-

gem e deslocamento.

Um dos representantes do interior é a Companhia Estável de Dança de Bauru, projeto da Prefeitura Municipal gerenciado pela Secretaria Municipal de Cultura. Foi criada em 2012 por Projeto de Lei. A trajetória contempla repertório de 23 coreografias assinadas por profissionais reconhecidos. Os objetivos principais são: colaborar diretamente na formação profissional de jovens bailarinos; apresentar espetáculos de qualidade técnica e artística (sempre com ingressos gratuitos), e formar público para a Dança no estado de São Paulo.

“Para a Companhia Estável de Dança de Bauru, participar da Jornada Paulista de Dança é uma oportunidade que vai agregar muito para o elenco e para a Companhia. Acredito que o encontro com as companhias e grupos selecionados vai proporcionar uma troca muito produtiva para os bailarinos e diretores. Isso é muito importante para o crescimento da dança no estado de São Paulo. Parabéns a SPED (São Paulo Escola de Dança), dirigida por Inês Bogéa pela iniciativa”, ressalta Sivaldo Camargo,

supervisor, diretor-artístico e professor da Companhia.

No Interior, além da Companhia Estável de Dança, de Bauru, com a obra “Harém das Ausências”, participam da Jornada, a Companhia Núcleo Experimental de Dança Teatro de São José dos Campos com a obra “A Menina do Riacho”, a Companhia de Dança Vanessa França, de Campinas, com a obra “Coisa Nossa”, a Companhia Independente Grupo de Dança Claudia Pereira, de Campinas, com o espetáculo “Peças”, a Companhia Grupo Jovem de Dança da EDA, de Cotia, com a obra “Límen”, a Companhia DesVia Coletivo, que apresentará a obra “Time Lapse”; a Companhia Coletivo PeleApele, de Sorocaba, com a obra “Pele e Osso”; a Companhia Way Company, de Cantanduva, com o espetáculo “Abutre”. De São Paulo, Capital, foram selecionados a Companhia Laboratório Siameses com a obra “Jardim Noturno” e a Companhia Percussiva de Dança com a obra “Terreno”.

“A Jornada Paulista de Dança chega à sua terceira edição consolidando-se como um importante espaço de encon-



Priscila Medeiros

Companhia Estável de Dança de Bauru marca presença na Jornada com a obra Harém das Ausências

tro, troca e fortalecimento da arte da dança no Estado. É uma ‘jornada’ artística que promove conexões, descobertas e união entre os participantes, celebrando a diversidade e a potência da dança do Estado de São Paulo”, destaca Inês Bogéa.

Para o segundo tempo da Jornada, os grupos trazem repertórios variados e serão acompanhados de perto por artistas mediadores, responsáveis por oferecer feedbacks e enriquecer os processos criativos.

## SERVIÇO

Jornada Paulista de Dança 2026 – Segundo Tempo - 6 a 11 de julho de 2026 com Vivências e Oficinas (restrito aos participantes): Das 10h30 às 22h, na São Paulo Escola de Dança (Rua Mauá, 51, 3º andar, Luz, São Paulo/SP). Espetáculos Gratuitos (Abertos ao público): De 9 a 11 de julho (quinta a sábado), na Estação Motiva Cultural (Complexo Cultural Júlio Prestes, Luz, São Paulo/SP).

## Uma semana de imersão e espetáculos gratuitos

Ao longo de toda a semana entre 6 e 11 de julho, das 10h30 às 22h, as companhias vivenciarão uma rotina intensa e colaborativa na sede da SPED.

A dinâmica exige que cada

grupo apresente uma obra de seu repertório (com duração de 10 a 20 minutos), ministre uma oficina prática sobre seus processos de criação e ofereça uma aula de dança para os de-

mais participantes.

O encontro promove, assim, uma rica partilha de técnicas que abrangem desde as tradições clássicas até as linguagens contemporâ-

neas e urbanas.

Para o grande público, o destaque fica para a mostra de espetáculos, que acontece de quinta-feira a sábado (9 a 11 de julho) na Estação

Motiva Cultural. Com entrada gratuita, as apresentações abrem as portas para que a comunidade prestigie a força e a diversidade da produção coreográfica do estado.

## Livro reconstrói terror de campo de concentração no Chile

Dois episódios trágicos da história do Chile, separados por quase um século, tiveram como palco o mesmo pedaço do fim do mundo: o ambiente subantártico da ilha Dawson, no meio do estreito de Magalhães. Em ambos os casos, decisões autoritárias do Estado chileno transformaram a ilha em prisão, primeiro confinando boa parte dos indígenas da região, no fim do século 19, e, nos anos 1970, criando um campo de concentração para membros do governo Salvador Allende, derrubado por militares golpistas, entre eles o general Augusto Pinochet.

Ao seguir os fios que ligavam ambas as histórias de brutalidade, o escritor e crítico

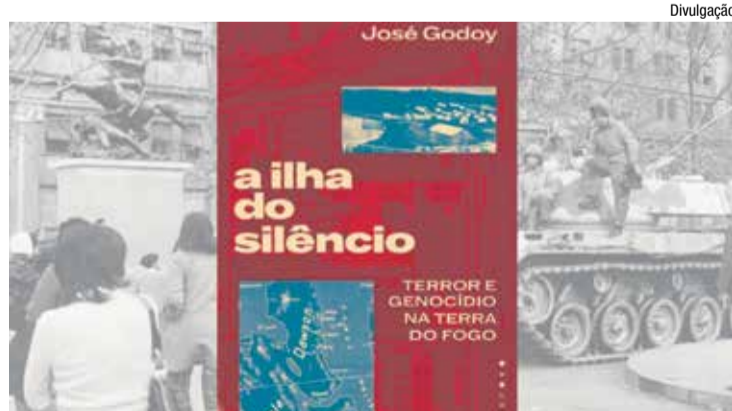
literário paulistano José Godoy teve de responder algumas vezes a mesma pergunta: por que um brasileiro foi se interessar por um lugar tão longínquo? A distância, porém, é muito mais aparente do que real, diz ele.

“Se a gente procurar em cada um dos países da América Latina, a gente vai encontrar uma ilha Dawson”, afirma Godoy, referindo-se ao que chama de “espaços de recorrência traumática” no continente, unidos pela combinação de colonialismo e autoritarismo. Os episódios são a espinha dorsal do novo livro do autor, “A Ilha do Silêncio: Terror e Genocídio na Terra do Fogo”, fruto de seu doutorado em literatura.

Mas, além de reconstruir o

confinamento dos indígenas selk’nam e kawésqar sob a tutela de religiosos salesianos, a partir de 1889, e os dois anos de existência do campo de concentração após o golpe militar chileno, a obra também revisita as impressões do naturalista Charles Darwin, pai da biologia evolucionista, acerca dos nativos da região.

O livro aborda também as impressionantes imagens do etnólogo austríaco Martin Gusinde, que registrou os rituais dos indígenas da Terra do Fogo quando muitas dessas práticas estavam desaparecendo; e a trajetória do arquiteto e militante comunista chileno Miguel Lawner, de 97 anos, um dos confinados no campo de con-



Divulgação

centração pinocetista, que, ao obter acesso a papel e lápis, produziu registros preciosos do cotidiano dos prisioneiros.

Esses fios são amarrados pela narrativa de viagem do próprio Godoy em suas idas ao Chile. “Eu uso esse eixo temporal, com os dias que vão se

sucedendo, para enxertar esse caminho de informações que eu carregava comigo”, conta ele. “Ao mesmo tempo, a primeira pessoa no texto reflete também um desejo de comunicação com o leitor não especializado, uma forma de aproximá-lo desse mundo.”